

Para Donato, só mais um absurdo

O Presidente da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan), Arthur João Donato, é contra a sugestão do Secretário de Estado americano, George Schultz. Para Donato, a solução para minimizar a dívida externa brasileira seria a conversão de crédito das filiais de multinacionais instaladas no Brasil — estimada em US\$ 20 bilhões — em capital de risco de suas matrizes.

Donato Considera um "absurdo" que a IBM, Citibank ou qualquer outra empresa estrangeira participe do capital da indústria de informática como forma de resolver parte do pagamento da dívida externa. Em sua opinião, o poder decisório de usar o crédito externo deve ser do Governo e não do seu financiador.

Garnero admite que é boa idéia

O Presidente do Grupo Brasilinvest, Mário Garnero, apóia a proposta do Secretário de Estado George Shultz:

— A Idéia dele, no caso brasileiro, significa a possibilidade de transformar em investimentos praticamente um terço do serviço da dívida, composto pelos juros pagos pelas filiais das empresas estrangeiras às suas matrizes ou a bancos. O que acontece hoje é que as empresas estrangeiras, devido à inflação interna, preferem aplicar recursos no Brasil sob a forma de empréstimos e não de capital de risco, devido à rentabilidade dos juros internacionais. Assim, a transformação só é possível com a queda da inflação.

Senn acha que bancos faliriam

O Presidente da União de Bancos da Suíça, Nikolaus Senn, manifestou-se ontem contra a idéia da conversão das dívidas externas dos países do Terceiro Mundo em investimentos na participação acionária de empresas dos estados devedores:

— A conversão não é possível porque o banqueiro toma dinheiro do cliente a uma taxa "X" e faz empréstimos à base desse taxa mais um spread. Converter a metade desses empréstimos, por exemplo, em investimentos, faria a falência do banco, que simplesmente não poderia pagar aos seus clientes — disse Senn, após audiência com o Ministro Interino da Fazenda, Maílson da Nóbrega.

Gaúcho suspeita da boa intenção

"A proposta do Sr. Shultz deve atender aos interesses do seu país, mas não posso avaliar precisamente quais os prejuízos que traria às empresas brasileiras. O que é bom para o Secretário de Estado dos Estados Unidos pode não ser bom para o Brasil."

A afirmação é do Presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs), Luis Octávio Vieira, ao comentar as declarações de Shultz ontem, em Brasília.

— Quero lembrar — disse — que a recessão econômica deixou o empresariado nacional em situação de fragilidade diante do capital estrangeiro.

Vidigal aprova com as estatais

"A tese do Secretário de Estado americano, George Shultz, de que os países endividados devem transformar parte de sua dívida externa em capital de risco, com participação acionária nas empresas, é proposta a ser considerada. Isso, desde que os credores se disponham a participar do capital de todas as companhias estatais com débitos externos e não apenas daquelas consideradas de primeira linha."

Essa foi a reação do Presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Luis Eulálio de Bueno Vidigal Filho, às propostas feitas segunda-feira passada em Brasília por Shultz.